

Uma família feliz

Hans Christian Andersen

A maior folha que cresce nos nossos campos é a bardana. Quase que pode servir de avental, no verão, e de guarda-chuva, no inverno, porque é de tamanho gigantesco. Além disso, jamais um pé de bardana vive sozinho: onde aparece um, nascem logo outros, muitos outros, e a moita não tarda em se tornar um matinho cerrado, que serve para alimentar os caramujos.

Sim, aqueles grandes caramujos brancos, que as pessoas distintas do tempo antigo mandavam guisar, e comiam, soltando gritinhos de satisfação, e dizendo, porque disso estavam convencidas:

— Como é gostoso!

Pois aqueles caracóis nutriam-se de bardana; e é fora de dúvida que essa planta foi criada somente em sua intenção.

Ora, havia uma velha casa, onde ninguém mais comia caramujos, porque fora extinta a espécie; mas as bardanas não tinham morrido; ao contrário, cresciam mais vigorosas que nunca, e invadiam tudo, até os canteiros e caminhos. Não era mais possível livrar delas o jardim: era uma verdadeira floresta. Havia ainda, é certo, uma velha macieira, ou uma ameixeira

decrépita, mas a ninguém ocorreria a ideia de que aquele maciço de bardanas tivesse sido jamais um jardim.

Pois naquele mato cerrado viviam os dois derradeiros caramujos. Nem eles próprios sabiam mais que idade tinham; mas recordavam-se de quão numerosos eram outrora, e todos de origem estrangeira; e sabiam bem que a floresta de bardanas tinha nascido para eles. Nunca tinha saído do jardim; mas sabiam que para além dele havia alguma coisa no universo, que se chamava palácio. Lá eram os caramujos cozidos — e isso os deixava negros — e depois postos em um prato de prata. Que acontecia então? Não o sabiam. Também não entendiam muito bem o que significava “ser cozido” e “posto em um prato de prata”; mas julgavam que seria alguma distinção honrosa.

Nem o cascudo, nem o sapo, nem a minhoca souberam dizer nada a respeito, pois nenhum deles tinha sido jamais cozido e posto em um prato de prata.

E os velhos caramujos brancos compreenderam então que eram eles o que havia de mais distinto no mundo, pois que as bardanas não existiam senão para alimentá-los, e a casa, para que lá fossem cozidos e postos em um prato de prata.

Viviam os dois últimos representantes da espécie muito reclusos e muito felizes; e como não tinham filhos, adotaram um caramujozinho de espécie comum.

Mas o caramujozinho não crescia, porque era de espécie inferior. Contudo os velhos, sobretudo a mãe — a mãe caramujo — achava que ele crescia a olhos vistos; e quando o pai caramujo não se mostrava convencido, obrigava-o a tocar a concha e a confessar que ela estava com a razão.

Um dia caiu uma chuva torrencial, e o pai caramujo disse:

— Escuta, escuta! Como a chuva tamborila nas folhas de bardana: Rum, durum-dum-dum. Rum, durum-dum-dum!

— É mesmo — disse a mãe. — As gotas escorrem, enormes, pelas hastes das bardanas. Vais ver que tudo ficará molhado. Felizmente temos nossas boas casas e o pequerrucho

também tem a sua! Somos na verdade mais bem providos que todas as outras criaturas. Isto prova que somos os senhores do universo. Temos casa própria, desde que nascemos, e a floresta foi plantada para nós. Só o que eu queria saber é até onde vai ela e o que existe lá para diante...

— Para além da floresta não há nada — afirmou o pai. — Em parte alguma pode haver lugar melhor do que a nossa casa: eu, por mim, nada mais desejo.

— Pois eu cá — retrucou a mãe caracol — queria ir ao palácio, para ser cozida e posta em um prato de prata. Foi assim com todos os meus antepassados. E fica sabendo que é uma coisa muito aristocrática!

— Talvez o palácio tenha caído, ou quem sabe até se a floresta ficou tão cerrada que as pessoas não puderam mais sair de dentro? Ora, nós não temos pressa! Tu é que andas sempre correndo, e o menino já vai pensando do mesmo modo. Pois ele não subiu, em três dias apenas, até a ponta daquela haste? Eu sinto até vertigens só de olhar para aquilo!

— Não ralhes com o menino: ele sobe com tanta prudência! Esta criança ainda nos dará muita alegria. Mas... já pensaste nisto: onde encontraremos uma esposa para ele? Achas que ainda haverá nesta mata outros caramujos da nossa espécie?

— Caramujos pretos, isso é o que não falta; caramujos pretos, sem concha. Mas são pessoas de origem muito comum, apesar de terem muita presunção! Seria bom falar nisso às formigas, que andam sempre correndo para todos os lados, como se tivessem muitos negócios... Talvez elas conheçam uma esposa que sirva para o nosso pequenote.

— Sim, conheço uma, e encantadora — disse a formiga —, mas receio que ela não aceite, porque é uma rainha.

— Mas isso não é problema — disseram os velhos. — Ela tem casa?

— Tem até um castelo: o castelo maravilhoso das formigas, que tem setecentos corredores.

— Ora, muito obrigada, dona Formiga! Meu filho não vai morar em um formigueiro! E se a senhora não tem nada melhor a nos propor, vamos falar com as moscas, que voam pelos arredores, quer chova quer faça sol, e conhecem a floresta por dentro e por fora.

— Sim, sim; conhecemos uma moça que serve para esposa dele — zuniram as moscas. — A cem passos daqui vive, em uma groselheira, uma jovem donzela caramujo, das de concha. Mora lá sozinha, vive muito retirada e está em idade de casar. Fica a cem passos daqui, somente a cem passos de homem.

— Pois sim; então a ela compete vir procurá-lo — disseram logo os velhos —, ele tem uma floresta inteira, e ela não possui mais que uma groselheira!

Foram as moscas procurar a jovem. Levou a noiva oito dias na viagem; mas isso era justamente a prova mais certa de que era de boa espécie.

Realizou-se logo o casamento. Vaga-lumes iluminavam o salão conforme podiam. E não houve mais nada na festa, porque os caramujos velhos já não podiam suportar muito barulho. A mãe fez um discurso magnífico em lugar do pai, que não pôde falar, de tão comovido. Fizeram doação de toda a floresta de bardanas ao noivo, e repetiram-lhe o que sempre tinham dito: que era ela o que havia de melhor no mundo. E que se eles se conservassem bons e honestos, e tivessem numerosa prole, seus descendentes haviam de entrar um dia no palácio: lá seriam cozidos até ficarem pretos e postos então em um prato de prata.

Terminado o discurso, tornaram os velhos a entrar nas suas conchas, de onde nunca mais saíram: ficaram dormindo. O jovem casal reinou na floresta e teve numerosa descendência, que não chegou jamais a ser cozida nem posta em um prato de prata — de onde o casal concluiu que o palácio devia ter desmoronado e que toda a humanidade tinha desaparecido. E como não havia ninguém para contradizê-los, acreditaram que essa era a verdade.

E se a chuva tamborilava nas enormes folhas de bardana, era para eles. E se o sol iluminava o cerrado, colorindo as folhas, era ainda e só para eles.

E os caramujos viviam felizes; e toda a família era feliz, imensamente feliz...